

CRAs da Raízen são negociados pela metade do preço

Ativos já vinham perdendo valor desde o fim de 2025, mas deterioração ficou mais evidente neste ano

Por *Nathália Larghi*, Valor Investe — São Paulo | 12/03/2026 06h00

Os Certificados de Recebíveis do Agronegócio (CRAs) da Raízen já vinham perdendo valor no mercado desde o fim de 2025, mas a deterioração ficou mais evidente nos primeiros meses de 2026, pouco antes do pedido de recuperação extrajudicial da companhia, confirmado nesta quarta-feira (11).

Segundo um levantamento feito pela Pop BR, precificadora de ativos de crédito da LUZ Soluções Financeiras, em setembro de 2025, alguns papéis ainda eram negociados próximos ou até acima do valor do PAR (nome dado ao valor de face, ou seja, o preço original definido em contrato que o investidor deveria receber no vencimento). Alguns chegaram a ser negociados no mercado secundário a cerca de 104% do valor acordado inicialmente, o que representa uma valorização.

A partir de outubro e novembro, porém, os preços começaram a cair de forma consistente. Um dos títulos, por exemplo, saiu de aproximadamente 94,6% do PAR em setembro para 71% em janeiro e despencou para cerca de 31,5% em março.

Outro papel recuou de pouco mais de 93% para cerca de 32% no mesmo período, enquanto um terceiro caiu de mais de 100% para algo próximo de 36% do valor de par.

Mesmo as séries de ativos relativamente mais resilientes passaram a ser negociadas por pouco mais da metade do valor nominal, em torno de 52% no fim do período.

O que isso significa?

Quando um CRA passa a ser negociado a 50% do PAR, por exemplo, isso significa que o mercado está pagando apenas metade do valor original do papel.

Na prática, essa queda indica que os investidores estão exigindo um desconto muito grande para comprar esses títulos, refletindo uma percepção maior de risco de crédito e a tentativa de muitos detentores de se desfazer dos papéis no mercado secundário.

Média % do PAR dos CRAs da Raízen

CRA	set.-25	out.-25	nov.-25	dez.-25	jan.-26	fev.-26	mar.-26
CRA020001P8	104,43%	82,43%	79,54%	77,45%	78,65%	49,20%	36,41%
CRA019000GT	96,89%	96,33%	96,06%	97,11%	98,09%	72,47%	-
CRA019003V2	97,72%	95,58%	93,10%	93,45%	93,49%	63,02%	49,84%
CRA019003V3	102,74%	79,26%	77,92%	77,39%	78,23%	47,62%	40,47%
CRA022008NB	94,66%	78,72%	73,77%	67,51%	71,00%	43,39%	31,52%

CRA02300JR5	93,09%	78,50%	69,21%	75,88%	75,75%	49,63%	32,25%
CRA02300JR7	92,59%	79,59%	74,19%	77,28%	76,02%	57,48%	52,81%
CRA02300JR6	89,69%	72,22%	65,75%	64,57%	63,31%	49,00%	49,24%
CRA020001P7	93,55%	90,34%	88,02%	88,16%	87,99%	66,44%	40,24%
CRA022008ND	87,65%	68,08%	61,18%	58,79%	58,93%	42,93%	29,67%

Fonte: Pop BR

Popularidade desses ativos

O derretimento desses papéis deve afetar muitos investidores. Especialmente porque **três CRAs da Raízen ficaram entre os dez mais negociados no ano passado**. [A empresa foi a única que teve três ativos na lista. A segunda foi a São Martinho, que teve dois CRAs rankeados.](#)

Segundo o levantamento da Pop, **o CRA que ficou em quarto lugar entre os mais negociados movimentou R\$ 1,19 bilhão. O que ficou em oitavo lugar movimentou R\$ 1,98 bilhão, e o que ficou em 10º lugar movimentou R\$ 1,02 bilhão.**

CRAs mais negociados em 2025

Colocação	Ativo	Volume Financeiro	Devedor	Remuneração
1	CRA024009Q4	2.250.157.580,05	MARFRIG GLOBAL FOODS S.A.	IPCA + 7,3693%
2	CRA024004H7	2.107.987.890,48	SAO MARTINHO S/A	100% do CDI
3	CRA023007VD	1.369.222.468,46	ENGELHART CTP (BRASIL) S.A.	101% do CDI
4	CRA022008NB	1.198.266.881,54	RAIZEN ENERGIA S.A.	IPCA + 6,5885%
5	CRA025005V5	1.160.765.126,89	MINERVA S.A.	104,5% do CDI
6	CRA025003PJ	1.111.969.210,52	SEARA ALIMENTOS LTDA.	IPCA + 7,80%
7	CRA025009EZ	1.101.783.549,14	SEARA ALIMENTOS LTDA.	IPCA + 8,0313%
8	CRA020001P8	1.085.810.755,99	RAIZEN ENERGIA S.A.	IPCA + 3,6020%
9	CRA019003V3	1.038.023.077,95	AGROPECUÁRIA MAGGI LTDA.	PTAX + 6,3%

10	CRA024007VD	1.028.065.692,36	RAIZEN ENERGIA S.A.	IPCA + 5,80%
----	-------------	------------------	---------------------	--------------

Fonte: Pop BR

Michael Viriato, assessor de investimentos e sócio fundador da **Casa do Investidor**, destaca que a popularidade dos papéis se dá pelo fato de ser uma empresa grande, que era considerada sólida, de capital aberto e com nomes como **Shell e Cosan por trás**.

"Os investidores contemplavam aquilo como algo com baixo risco. E as agências de classificação de risco chancelaram que o risco era muito baixo. **A empresa tinha classificação AAA, a melhor que existe, até ano passado**", afirma.

Neste ano, no entanto, com as notícias sobre o endividamento da companhia, os papéis não apareceram entre os dez mais negociados, segundo a Pop BR.

Eu tenho, e agora?

Se o investidor tem um desses CRAs na carteira, o professor de finanças **William Eid**, da Fundação Getúlio Vargas (**FGV**), diz que o primeiro passo é **avaliar qual nível de risco ele está disposto a assumir antes de decidir o que fazer com o papel**.

"Não existe uma decisão simples. O investidor pode vender agora e aceitar o prejuízo, caso ache que o risco de perda maior aumentou. Pode manter o título e esperar que a situação melhore. Ou até comprar mais, se acreditar que a empresa vai se recuperar", afirma.

Ele reforça, no entanto, que **prever situações como um pedido de recuperação extrajudicial é difícil**, principalmente para investidores pessoas físicas. "Quando a empresa estava investindo em projetos como etanol de segunda geração, o cenário parecia positivo e muita gente comprou esses CRAs acreditando que seria um investimento tranquilo. No fim, não foi. **A forma de reduzir esse tipo de risco é diversificar, especialmente em crédito privado**", diz.

Como fazer a gestão de risco?

Para ajudar nessa gestão de risco, o professor sugere uma regra simples: **limitar o peso de cada empresa na carteira de acordo com o tempo que o investidor aceita levar para recuperar uma eventual perda total**.

Tome nota: "Primeiro, veja quanto a carteira costuma render por mês. Suponha que seja 0,5%. Depois pense: se eu perder todo o dinheiro investido em uma empresa, em quanto tempo quero recuperar isso com os rendimentos da carteira? Se eu aceitar levar dois meses, por exemplo, isso representa cerca de 1%. Nesse caso, o máximo que eu deveria ter em um único emissor é 1% da carteira. Assim, se houver um problema, a perda não afeta tanto o portfólio. Na prática, isso significa ter algo próximo de 100 títulos diferentes para manter a diversificação", explica.

Viriato tem uma lógica semelhante. Para ele, o investidor precisa limitar quanto está disposto a perder em cada posição para evitar um impacto grande nas finanças pessoais.

"O ideal é investir valores que, mesmo em um cenário negativo, não causem um prejuízo difícil de absorver. No caso da Raízen, por exemplo, o investidor pode ter

perdas de 30% ou 40%, mas isso não significa necessariamente perder todo o dinheiro”, conclui.